

## **Piratas: Os Dissidentes da Nova Ordem**

Giselle Beiguelman

Pirataria tornou-se uma palavra recorrente no noticiário. Aparece em artigos dos cadernos de cultura, tecnologia, política e economia. Só neste ano (2010), entre janeiro e setembro, na Folha.com, o termo foi citado em 161 diferentes reportagens, o que dá uma média de quase duas reportagens sobre o tema por dia. Os números são ainda maiores na Globo.com, onde a mesma busca retornou 664 resultados e no Estadão, que lista 205 links de reportagens para a mesma consulta.<sup>1</sup>

Pela abordagem que é dada ao tema nesses grandes serviços noticiosos, é curioso que os artigos não se concentrem nas páginas policiais. Via de regra, segue-se, nesses canais midiáticos, a lógica da definição que prevalece na maior parte dos dicionários: pirataria é roubo, ação criminosa, apropriação não autorizada de conteúdo protegido por leis de direito autoral.

Apesar do tom criminal preponderante nos títulos e resumos resultantes dessas buscas, não há unidade sobre o que são os produtos piratas e quem são os piratas. Nesses veículos, os piratas são produtos falsificados, clonados, remixados ou plagiados. São também hackers e pessoas que promovem ações ativistas ou direcionadas a um uso coletivo dos equipamentos das telecomunicações.

Contudo, bebidas e bolsas falsificadas, cópias de DVDs e de software, obras artísticas ou satíricas, atos de má-fé de uso de material alheio como se fosse de autoria própria e estratégias de tensionamento do circuito de acesso às TVs a cabo, à cultura e dos sistemas de programação não são a mesma coisa.

Cada uma dessas práticas envolve questões particulares e demanda uma abordagem específica, em campos que mobilizam saberes de distintas naturezas e modificam as abordagens tradicionais sobre valor das marcas, procedimentos de criação e modelos econômicos emergentes.

Essa diversidade indica que a noção de pirataria converteu-se em um termo “guarda-chuva” que remete a diferentes impasses da cadeia produtiva e do circuito de consumo

---

<sup>1</sup> <http://bit.ly/piratariafolha> , <http://bit.ly/piratariaiglobo>, <http://bit.ly/piratariaestadao>

Artigo escrito para o catálogo da exposição *Histórias de Mapas, Piratas e Tesouros*. São Paulo: Itaú Cultural, 2010, p. 78-82. Português e castelhano. Versão da autora. Sem revisão final dos editores.

de bens materiais e culturais. É o que atestam os estudos de especialistas de várias áreas que vem se dedicando ao tema, atentando para diferentes aspectos que suas práticas englobam e sugerem.

No que tange à falsificação, Andrea Semprini, professor da Sorbonne em Paris e da IULM (Libera Università di Lingue e Comunicazione) em Milão, um dos maiores especialistas em marca da atualidade, autor de *A Marca Pós-moderna*, afirma que a pirataria das grifes é um de seus índices de sucesso e que só as marcas fortemente desejadas são copiadas. Nessa perspectiva, portanto, pirataria é um elemento que agrega valor ao produto. (Semprini 2006)

Com relação ao remix, o advogado Lawrence Lessig, criador projeto Creative Commons<sup>2</sup>, mostra como as operações de remixagem revitalizam o sentido de comunidade e de bem comum, haja vista que os remixes acontecem dentro de uma comunidade e que os membros dessa comunidade criam para serem reconhecidos e remixados pelos seus pares. Aqui, o que muitos considerariam pirataria, por implicar uso não autorizado de materiais com direitos autorais, indica novos formatos de sociabilidade e criação. (Lessig 2008)

Do ponto de vista da economia, o jornalista Matt Mason defende a interessante tese que a cultura digital deu corpo a um novo capitalismo (capitalismo punk) derivado das práticas de DIY (Do it Yourself, Faça Você Mesmo) que obrigará as corporações a não só reconhecerem a força e a importância dos piratas, mas passarem a competir com eles, configurando um novo modelo de mercado. (Mason 2008)

Já André Gorz, um dos principais pensadores da contemporaneidade, chama a atenção para a densidade política das ações dos hackers. Uma vez que os hackers operam na esfera da produção e organização e disseminação do saber, diz Gorz, eles são os “dissidentes do capitalismo digital”. (Gorz 2005)

---

<sup>2</sup> Creative Commons é uma organização não governamental sem fins lucrativos localizada em São Francisco, Califórnia, nos Estados Unidos, voltada a expandir a quantidade de obras criativas disponíveis, através de suas licenças que permitem a cópia e compartilhamento. CREATIVE COMMONS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2010. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Creative Commons&oldid=21849148](http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Creative_Commons&oldid=21849148)>. Acesso em: 26 set. 2010.

Artigo escrito para o catálogo da exposição *Histórias de Mapas, Piratas e Tesouros*. São Paulo: Itaú Cultural, 2010, p. 78-82. Português e castelhano. Versão da autora. Sem revisão final dos editores.

É essa esfera a que me interessa discutir aqui, colocando em destaque não a dissidência em si, mas projetos e processos que configuram instâncias de agenciamento de dissidências. Para tanto, vou me concentrar em dois casos: o projeto Amazon Noir, de Uebermorgen, Paolo Cirio e Alessandro Ludovico, e o processo da empresa TV Nova Baixada, que operou no Rio de Janeiro até meados de 2010.

Amazon Noir foi um ataque hacktivista realizado em 2006. Entre julho e outubro cerca de 3000 cópias digitais de livros foram "roubadas" da Amazon.com aproveitando certas vulnerabilidades do recurso "Search Inside the Book" disponibilizado pelo site da empresa. Nesse período, um programa de software especialmente desenhado pelos autores do projeto bombardeava a interface do Search Inside!™ da Amazon com vários pedidos, produzindo montagens de versões completas em PDF dos textos que eram distribuídas através de redes peer-to-peer (P2P)<sup>3</sup>. (Dieter 2007, Amazon Noir 2006)

A TV Nova Baixada era uma “gatonet”, rede “clandestina” de TV a cabo que atendia a 30 mil assinantes no Rio de Janeiro. Cobrava de 30 a 40 reais a assinatura e dava acesso a todos os canais da operadora NET, incluindo a programação pay-per-view, com imagem digital. Além disso, exibia cópias piratas de filmes recém-lançados nos cinemas, tinha programação própria com canais dedicados ao Funk e a esportes. Movimentava cerca de R\$ 500 mil por mês e empregava 40 pessoas até ser desarticulada pela polícia recentemente.

Trata-se de duas operações piratas bastante distintas. A primeira é um projeto de renomados artistas/ativistas da web, “geeks de carteirinha” e experts na área de programação, com foco direcionado contra uma empresa e objetivo militante claro de problematizar o acesso livre à cultura. Já a segunda é um ataque informal ao poder de determinados grupos de comunicação que, sob o argumento de dificuldades de infraestrutura, não são implantados em determinadas áreas. Na prática, o que ocorre é que essas áreas são áreas pobres e não “compensam” para essas empresas.

---

<sup>3</sup> Para visualizar o funcionamento do programa que operava a consulta e a remontagem dos textos buscados na Amazon.com pelo projeto Amazon Noir, acesse: [http://www.amazon-noir.com/diagram\\_large.html](http://www.amazon-noir.com/diagram_large.html)

Artigo escrito para o catálogo da exposição *Histórias de Mapas, Piratas e Tesouros*. São Paulo: Itaú Cultural, 2010, p. 78-82. Português e castelhano. Versão da autora. Sem revisão final dos editores.

A despeito das diferenças, Amazon Noir e a TV Nova Baixada colocam em circulação exercícios de pirataria orientada para o uso social e coletivo do equipamento das telecomunicações. Com isso, promovem o agenciamento de processos de desterritorialização da ordem institucional e funcionam como contradispositivo que a profana, ao promover o uso comum dos territórios informacionais. (Agambem 2009, 45)

Por territorialização entende-se aqui, seguindo o pensamento de Gilles Deleuze e Felix Guattari, os processos e as dinâmicas de estriamento (estratificação e apropriação) do espaço das redes de comunicação. Por agenciamento, os procedimentos e estratégias de liberação dos devires – potências em aberto – dos atuais territórios informacionais. (Deleuze e Guattari 2005, Lemos 2008)

Essas tensões são constitutivas das possibilidades de mudança cultural, mudanças essas que são operacionalizadas por movimentos sociais, ao propor e desencadear descontinuidades com as relações de poder que estão embutidas em instituições de vários tipos. Movimentos sociais não são, entretanto, meros conjuntos de indivíduos. São grupos que atuam no espaço público, sendo que esse espaço público hoje, na sociedade em rede, é o espaço das redes de comunicação. Nessa perspectiva, “a mudança cultural demanda a reprogramação das redes de comunicação”, a partir contestação das imagens que projetam no espaço público. (Castells 2009, 302)

Uma dessas imagens é a do hacker como pirata e terrorista virtual. Os “bad boys” da Amazon Noir foram tratados como ladrões no processo movido pela Amazon contra eles. As gatônets cariocas são sempre associadas nas reportagens a aparelhos das milícias que atuam nas favelas. O paradoxo de que as cópias dos livros eram feitas utilizando o próprio sistema da empresa, dando aos usuários a possibilidade de copiar “legamente” os livros e redistribuí-los, e a situação de exclusão digital que é produzida pela lógica do mercado de telecomunicações não entra em discussão.

Basta lembrar o que ocorreu na favela do Batam, no Rio de Janeiro, quando sua gatôneta foi desmobilizada. Os moradores em um primeiro momento se prontificaram a assinar a NET. Contudo, além de ter que pagar mais por menos (a gatôneta oferecia 34 canais por 25 reais, contra 25 canais por 29,90 da NET), a transmissão da NET chegava só às ruas

Artigo escrito para o catálogo da exposição *Histórias de Mapas, Piratas e Tesouros*. São Paulo: Itaú Cultural, 2010, p. 78-82. Português e castelhano. Versão da autora. Sem revisão final dos editores.

principais, enquanto que o sinal da gatonet cobria toda comunidade, e não disponibilizava os canais de maior audiência do público local (Telecine Pipoca, Sexy Hot e Sport TV). Situação semelhante ocorre com a distribuição de banda larga de Internet. O uso majoritário dos serviços da veloxgato é assim explicado por um morador do Batam: "Eu queria pagar para a Oi, mas eles disseram que aqui no Batam não têm condições de oferecer o serviço". (O Estado de S.Paulo 2009)

Como já salientou Ronaldo Lemos, o problema do “viral midiático” que se produz em torno do tema da pirataria é que em nome de estatísticas que não tem base de comprovação são definidas políticas públicas, como as que mencionamos aqui relativas ao combate à criminalidade e à defesa de direitos autorais. (R. Lemos 2010)

No processo de digitalização da cultura em todos os seus níveis que vivemos hoje, essa questão assume centralidade, haja vista que diz respeito ao exercício da cidadania. Por um lado porque as novas tecnologias de comunicação expandiram a noção de cidadania, incorporando práticas de consumo ao seu exercício. Afinal, “nesta época globalizada, sentimos que pertencemos, que fazemos parte de redes sociais, ocupando-nos do consumo” de equipamentos pelos quais temos acesso à informação e lazer (Canclini 2006, 34). Por outro, porque as estratégias de “brandificação” do cotidiano estão produzindo um corpo social dócil e frágil que as práticas de pirataria corroem, tensionando o quadro de apropriação de valores e idéias como compartilhamento, nomadismo e mobilidade que é feito indiscriminadamente pela retórica do “capitalismo fofinho” da Web 2.0. Um capitalismo em que tudo soa onomatopéico, feliz e redondinho, como os logos e os nomes das principais redes sociais. (Beiguelman 2010)

Nesse contexto, as práticas de pirataria orientadas, formal ou informalmente, ao uso coletivo dos territórios informacionais, deixam de ser meras ações de roubo e terrorismo e aparecem como possibilidade de intervenção sobre os dispositivos para “levar à luz aquele Ingovernável, que é o início e, ao mesmo tempo, o ponto de fuga de toda política” (Agambem 2009, 51).

## Obras Citadas

Agambem, Giorgio. "O que é um dispositivo?" In: *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*, por Giorgio Agambem, tradução: Vinícius Nicastro Honesko, 25-51. Chapecó, SC: Argos, 2009.

Amazon Noir. 2006. <http://www.amazon-noir.com/thestory.html> (acesso em 24 de setembro de 2010).

Beiguelman, Giselle. "Territorialización y agenciamiento en las redes (En busca de la Ana Karenina de la era de la movilidad)." In: *Nomadismos Tecnológicos. Dispositivos Móviles - Usos Masivos y Prácticas Artísticas*, por Giselle Beiguelman e Jorge La Ferla (eds.), 132-149. Madrid: Paidós, 2011 (no prelo).

Canclini, Néstor G. *Consumidores e cidadãos*. 6ª. Ed. Tradução: Mauricio Santana Dias. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

Castells, Manuel. *Communication Power*. Nova York: Oxford University Press, 2009.

Deleuze, Gilles, e Félix Guattari. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução: Peter Pál Pelbart e Janice Carafa. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2005.

Dieter, Michael. "Ama Noir: Piracy, Distribution, Control." *M/C Journal*, Outubro de 2007.

Gorz, André. *O Imaterial - Conhecimento, Valor e Capital*. Tradução: Celso Azzan Jr. São Paulo: Annablume, 2005.

Lemos, Andre. "Mobile communication and new sense of places: a critique of spatialization in cyberculture." *Revista Galáxia*, dezembro de 2008: 91-109.

Lemos, Ronaldo. "Os números erram." *Revista Trip*, n. 189 (junho 2010).

Lessig, Lawrence. *Remix - Making Art and Commerce Thrive in the Hybrid Economy*. Londres: Bloomsbury Academic, 2008.

Mason, Matt. *The Pirate's Dilemma: How Youth Culture Is Reinventing Capitalism*. Nova York: Free Press, 2008.

O Estado de S.Paulo. "Com fim do gatonet no Batam, maior queixa é não ter canais de sexo e futebol." *O Estado de S.Paulo*. 20 de abril de 2009.

[http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090420/not\\_imp357555,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090420/not_imp357555,0.php) (acesso em 24 de setembro de 2010).

Semprini, Andrea, entrevista feita por Alcino Leite neto. *Cópia indica prestígio, diz pesquisador* Folha de S. Paulo. São Paulo. 05 de novembro de 2006.

Artigo escrito para o catálogo da exposição *Histórias de Mapas, Piratas e Tesouros*. São Paulo: Itaú Cultural, 2010, p. 78-82. Português e castelhano. Versão da autora. Sem revisão final dos editores.

Artigo escrito para o catálogo da exposição *Histórias de Mapas, Piratas e Tesouros*. São Paulo: Itaú Cultural, 2010, p. 78-82. Português e castelhano. Versão da autora. Sem revisão final dos editores.